

## As Metáforas Mitológicas

*“O destino de Édipo comove-nos apenas  
porque poderia ter sido o nosso”<sup>1</sup>.*

*Sigmund Freud*

### As Metáforas e o Entendimento

Há um efeito cascata quando se aludem interpretações a partir de um simbolismo metafórico de uma obra. Cada janela abre outras duas que igualmente abrem outras e assim sucessivamente. Há também níveis de entendimento, camada sob camada, até que ela se revele como verdade. Para isso, o todo de um texto, todos os detalhes de uma obra devem estar computados no interpretador em questão. Não é possível interpretar uma fatia de um sonho como se ela fosse o todo, nem mesmo um sonho “completo” posso ser descontextualizado de seus restos diurnos.

Dentro desta visão, Bruno Bettelheim escreve que o Complexo de Édipo “é uma metáfora que funciona em muitos níveis, uma vez que alude a outras metáforas por suas referências manifestas e encobertas ao mito e ao drama. Freud escolheu-o para iluminar e vivificar um conceito que desafia uma expressão mais concisa. Se acreditarmos, como muitos de meus alunos acreditavam, que o termo ‘Complexo de Édipo’ subentende apenas que rapazinhos pequenos querem matar o homem que sabem ser o pai deles e casar com a mulher que sabem ser a mãe deles, então o nosso entendimento baseia-se numa simplificação extrema e descabida do mito. No fim das contas, Édipo não sabia o que estava fazendo quando matou Laio e casou com Jocasta, e seu maior desejo era tornar impossível para ele causar qualquer dano àqueles que pensava serem seus pais. O que esse termo deve sugerir-nos é a angústia e culpa da criança por ter desejos parricidas e incestuosos, assim como as conseqüências de agir de acordo com esses desejos.”<sup>2</sup>

### A Visão Mitológica para a Devida Compreensão

Sem a visão do todo, sem analisar por completo o mito edípico, as interpretações tendem a um simplismo primário, e o autor adverte que “é

---

<sup>1</sup>Freud, Sigmund. Obras Completas, Volume IV, Editora Imago. Pág. 258

<sup>2</sup>Bettelheim, Bruno. Freud e a Alma Humana. Editora Cultrix, 1993, São Paulo. Pág. 35.

impossível compreender porque Freud escolheu esse termo - essa metáfora - se não estivermos familiarizados com importantes detalhes da história de Édipo. Lamentavelmente, a maioria dos graduados de universidades americanas a quem tentei expor a psicanálise tinha apenas uma vaga noção do mito de Édipo ou da tragédia de Sófocles, Édipo Rei”<sup>3</sup>

Este trabalho não propõe uma leitura diferente ao mito edípico, até porque não é possível embutir “novos conceitos” (realmente novos) dentro do que os sábios já traduziram muitos anos atrás. Como abordamos na introdução, a literatura, em todos os tempos, que se perpetuou, foi calcada nos mitos: é uma reescrita (ou releitura). Os filmes que de igual sorte ganham o inconsciente de todos e se tornam inesquecíveis são os que ofereceram os mitos à tela e em conseqüência à nossa absorção. Ou seja: a alma humana, em seus anseios básicos, já são conhecidos desde a antigüidade. Nos cabe, ao menos, conhecer o já escrito, pensar o já pensado na profundidade que conseguirmos alcançar.

### **Os Medos Básicos do Homem, Segundo Aristóteles**

Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) afirmava que são 6 os medos básicos do homem: **medo de perder o objeto amado, medo à homossexualidade, medo à crítica, à doença, ao envelhecimento e à morte.** Aplicando esses temores ao mito edípico, têm-se uma caricatura vivencial do que o personagem contabilizou ao longo de sua vida.

Nessa contextualização, temos no personagem de Sófocles alguém que alberga de modo muito significativa essa fragilidade inata, e tem de conviver (ou enfrentar) conscientemente, dentro de uma dualidade conhecida, tudo o que os outros humanos irão vivenciar, pelo menos em seus inconscientes. Desde o primata que habitou a caverna até o sempre, o animal humano há de adotar apenas duas soluções ante os seus problemas vitais: luta ou fuga. No aparelho psíquico, ou lutamos com nossos impulsos indesejados e a partir daí há uma chance para o entendimento/crescimento; ou fugimos disso, através da negação, o mais primitivo dos mecanismos de defesa do ego.

Dizendo de outro modo, de há muito se sabe que os humanos são feitos do mesmo barro. A diferença é o modo com o qual cada um de nós irá lidar com os impulsos e com as idéias que nos surjam durante a existência. Teremos, durante a vida, milhões de pensamentos, mas apenas alguns deles irão se tornar ações na vida real, de modo prático. A escolha dos pensamentos “corretos” ou “desejáveis” determinará o curso vital de um modo

---

<sup>3</sup>Bettelheim, Bruno, Obra Citada, Pág. 34

inequívoco e perene. Conforme Platão, “o homem virtuoso se contenta em sonhar com o que o homem perverso realmente faz”.<sup>4</sup>

Analisaremos então os medos básicos do homem em algumas das situações determinantes para que esses temores, no caso de Édipo, tenham se tornados perceptíveis com clareza na metáfora do ciclo.

***Os Medos Primitivos  
(Aristóteles)***

***Os Efeitos Caricaturais em Édipo  
(A partir de Sófocles)***

<p>Medo à Perda do Objeto Amado</p>	<p>Édipo foi abandonado pela mãe e pelo pai. Ao natural, seriam os dois “objetos” amados cuja perda é mais significativa, em especial se o fato se dá com a pessoa ainda bebê, onde a insuficiência humana se mostra mais caricata. Em nosso personagem, o medo inicial já é um fato no mesmo dia de seu nascimento.</p>
<p>Medo à Homossexualidade</p>	<p>Com isuficiência de figuras identificatórias naturais, com o abandono dos pais e com a idéia futura de vir a desposar a mãe, segundo a profecia do Oráculo de Delfos, esse medo também se torna consciente e agudo para o jovem Édipo. Ao saber da profecia, uma das soluções para não consumir o ato (heterossexual) com a mãe, seria tornar-se homossexual, como Laio (seu pai) o foi quando esteve hospedado no palácio de Pélope e seduziu o jovem Crisipo.</p>
<p>Medo à Crítica</p>	<p>Com todas as suas vicissitudes mais palpáveis do que a maioria dos mortais, é impossível a Edipo manter submersos os seus conteúdos inconsciente indesejados. E tendo-os na consciência, ele próprio é seu primeiro crítico mordaz. Se revelar seus conteúdos a alguém, este seria também um possível crítico feroz de suas angústias, de sua “hostilidade ao pai” e “desejo sexual à mãe”.</p>
<p>Medo à Doença</p>	<p>Édipo, logo após o nascimento já se torna doente. Em virtude dos ferimentos nos pés, terá dificuldades em aprender a caminhar. A idéia “doença” para ele é um fato real, habitante da consciência. A cegueira que o acometerá também reforça o medo à doença.</p>

<sup>4</sup>Freud, Sigmund. Obras Completas, Volume V, Editora Imago. Pág. 560.

Medo ao Envelhecimento	O “caminhar” e o “caminho” de Édipo mostram uma preocupação com o futuro, ele é um peregrino em busca de uma verdade para que possa envelhecer tranqüilo. No “asilo-exílio de Coloneus” veremos a cegueira e a “paralisia”.
Medo à Morte	A tragicidade que pontua a vida de Édipo faz com que ele conviva com a idéia consciente de finitude com mais clareza e freqüência que Qualquer pessoa. A leitura do ciclo mítico mostra um número alevado de mortes, como símbolos de não-resolução vital (mortes prematuras).

### **Reação de Luta e Fuga**

É dentro da situação luta/fuga que vale comentar a fuga empreendida por Édipo, desde Corinto. É neste ponto que a questão metafórica ganha o seus contornos decisivos. A interpretação correta salva. A fuga (ou não-interpretção) não traduz a verdade de dentro e conduz à morte: “Édipo, ao fugir de Corinto, não prestou atenção à admonitória inscrição no templo: ‘Conhece-te a ti mesmo’. A inscrição advertia implicitamente que não se conhecesse a si mesmo seria incapaz de compreender as sentenças do oráculo. Como Édipo ignorava seus sentimentos mais íntimos, a profecia cumpriu-se. Porque era ignorante de si mesmo, acreditava que podia matar o pai que o criara bem e casar com a mãe que o amava como filho. Édipo concretizou em atos a sua cegueira metafórica - sua cegueira para o que o oráculo quisera dizer, baseada em sua falta de conhecimento de mesmo - privando-se de sua visão. Ao fazê-lo, pode ter-se inspirado no exemplo de Tíresias, o vidente cego que revelou a Édipo a verdade sobre o assassinato de Laio. Encontramos em Tíresias a idéia de que ter a visão desviada do mundo externo e dirigida para o mundo interior - para a natureza íntima das coisas - confere à pessoa o verdadeiro conhecimento e permite-lhe compreender o que está oculto e precisa ser conhecido.

### **O Auto-conhecimento**

O princípio orientador da psicanálise estabelece que conhecermo-nos requer conhecermos também o nosso inconsciente e lidarmos com ele, de modo que suas pressões não-reconhecidas não nos levem a agir de um modo prejudicial para nós próprios e para os outros. Com isto presente, o autoconhecimento requerido para uma verdadeira compreensão das sentenças oraculares poderia ser entendido também como abrangendo também os aspectos normalmente inconscientes de nós mesmos. Assim, o concito freudiano do Complexo de Édipo contém a advertência

implícita de que precisamos adquirir ciência de nosso inconsciente. Se o fizermos, estaremos então aptos a controlá-lo. E quando nos encontrarmos de novo numa encruzilhada, sem saber por que rumo enveredar e sentindo-nos bloqueados por alguma figura paterna, não a agrediremos em incontrolada ira e frustração. Em momentos de grande stress, não sentiremos impelidos por nosso inconsciente para agir de um modo que nos destrua, como as ações de Édipo o destruíram.”<sup>5</sup>

## **A Verdade e sua Interpretação**

Édipo foi um “buscador de sua verdade”, mas não foi um bom intérprete dos sinais externos que iriam dizer respeito exatamente a ele e suas descobertas, a tempo de evitar seu destino trágico. Heráclito já escrevia: “A verdade ama esconder-se”. E foi nesse jogo de escondidos e de mentiras que Édipo se desencontrou de seu caminho natural.

Assim como a encruzilhada está para uma situação-limite externa (um fato do mundo para o ser), o abismo está para uma situação-limite interna (do ser para o mundo).

Quando decifra o enigma da Esfinge, Édipo a destrói. Como já vimos, são duas as versões: joga-se em um abismo ou se quebra em várias partes. Considerando a primeira versão, vale a lembrança de Demócrito: “A verdade está no abismo”. Símbolo da dualidade, as profundezas lançam o homem ao seu interrogatório mais denso: Édipo vence a Esfinge-Abismo, ou seja: entende a metáfora, chega à verdade e termina com o problema. Édipo é derrotado pela encruzilhada, por não saber a verdade. (Se Édipo soubesse que Laio era o pai dele, não o teria assassinado).

A dualidade pode ser metaforizada por esse prisma, como veremos no capítulo “A Esfinge e o Abismo”.

---

<sup>5</sup>Bettelheim, Bruno. Freud e a Alma Humana, Editora Cultrix, São Paulo. Pág. 37.